



Você e o museu: Objetos, História e Memória

Gabriel Castello Costa ¹

Marcelo Bahlis ²

Resumo: O artigo desenvolve uma proposta de ação educativa que aborda objetos como possibilidades de fonte histórica, relacionando discussões em torno da sua temática: História, Objetos e Memória. A ação utiliza-se, na sua execução, da exibição de excertos de filmes para oferecer diferentes pontos de interpretação, discussão e análise sobre como os objetos podem ser importantes fontes de memória e história. Entendemos que a memória é um elemento de ligação entre o sujeito histórico e os fatos que o objeto pode evocar. Assim o intuito da ação é promover, a partir disso, um ensino de história relacionando e envolvendo a realidade de visão do educando.

Palavras-chave: objeto, história, memória, educando, filme.

Abstract: The paper develops a proposal for action that addresses educational possibilities as objects of historical source, relating discussions around its theme: History, Objects and Memory. The action is used in its execution, the display of film clips to offer different points of interpretation, discussion and analysis of how objects can be important sources of memory and history. Understanding that memory is a liaison between the subject and the historical facts that the object can evoke. Thus the aim of the action is to promote, from this, a related teaching history and involved the reality of vision of the student.

Keywords: object, history, memory, student, film

Apresentação

Este artigo visa demonstrar como foi planejada uma ação educativa que pode ser realizada tanto em sala de aula, como em espaços de memória (arquivos, museus históricos etc.), a partir de conceitos que são trabalhados tanto nas aulas de história como nas de educação para o patrimônio, geralmente pouco vistas pelos estudantes dentro da escola. Além de nossa conceituação, abordamos também, discussões e prognósticos, visto que toda experiência possui seus limites enquanto relação de diálogo tanto com os estudantes, como entre nós, educadores mediadores da atividade e autores do artigo.

Objetos, História e Memória: problematizações sobre como estes conceitos dialogam em uma ação

¹ Graduado Lic. História (UFRGS) – Téc. Assuntos Culturais – Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Contato: gcaste@ig.com.br

² Marcelo Bahlis – Graduando do curso de História (UFRGS) – Bolsista PIBID. Contato: bahlis_@hotmail.com

Para delimitar nossa abordagem que relaciona história, memória e objeto, entendemos que é necessário conceituar tais termos para que o leitor consiga compreender a linha de raciocínio que buscamos trilhar. Dentro da historiografia podem-se encontrar diversas opiniões sobre os conceitos estudados e pensamos que seja importante situar as palavras referentes aos conceitos utilizados ao longo do texto. Pensar o que é história e como é trilhado este conhecimento científico ao diferenciá-lo da memória é um dos objetivos que passamos a expor. Do mesmo modo, vamos demonstrar também como são utilizados estes conceitos em uma metodologia de oficina educativa para a aproximação das reflexões que a mesma pretende despertar.

Mesmo tendo o passado como matéria-prima de seu conhecimento, história e memória carregam abordagens diferentes em seu uso e apropriações. Entende-se que, mesmo o passado que já aconteceu, dentro de uma global infinidade totalizante de fatos particulares, coletivos, relevantes ou não aos processos sociais, não significa que o mesmo seja sempre sinônimo de história. O que nos interessa aqui é o sentido que este passado adquire. Como primeiro passo, trilhamos um breve caminho de conceituar minimamente o que é história e como se dá o seu fazer, ao criar uma oposição entre esta ciência e outras formas de conhecimento.

O historiador é profundamente empirista. Ele em preocupação com a fonte, com o dado, com o fato, com o processo. Quando você pergunta a alguém o que está estudando em História, recebe uma resposta do tipo: 'Ah eu estou estudando a Revolta da Vacina'. Uma coisa bastante definida no tempo, um processo delimitado. O antropólogo pode se interessar, por exemplo, por campesinato ou religião de modo geral, seja na Nova Guiné, na América Latina ou no Caribe. O historiador se sente seguro se o que ele disser for apoiado em grande quantidade de documentação. Por isso tem dificuldade em generalizar (CARDOSO, 2012, p. 54).

Com base na citação de Ciro Flamarion Cardoso conceituamos o fazer histórico a partir de sua metodologia. A história é feita com fontes, dados do passado que a partir das perguntas que lhe são feitas, são interpretadas por quem as faça. Não há história sem fontes, porque são essas as peças do passado que o historiador tem para analisar. Note que há diferença entre saber que os fatos do passado são objetos de análise do conhecimento histórico, e a visão positivista que vê o fato histórico como um dado do passado que já o representa por si só - visão presente no conhecimento histórico do século XIX.

É a partir das perguntas que surgem as interpretações sobre o passado. O clássico de Marc Bloch "Apologia da História" (2001), situado na primeira geração dos *Annales*, que revolucionou o conhecimento histórico, crê na história como ciência dos homens no tempo, ao que compreende que o passado e o presente estão em uma relação de construção e reinterpretação constante.

Dado? Não, criado pelo historiador e, quantas vezes? Inventado e fabricado, com a ajuda de hipóteses e conjecturas, por um trabalho delicado e apaixonante... Elaborar um fato é construí-lo. Se quisermos, uma questão dá-nos uma resposta. E, se não há questão, não fica mais que o nada (LE GOFF, 1990, p. 31).

Ao situar o historiador no tempo de quem pesquisa e escreve sobre um fato, em uma relação de sujeito e objeto da ciência histórica, Le Goff diria que a abordagem da primeira geração dos *Annales* mostrou o caráter científico e abstrato do conhecimento histórico (Idem, p. 23). Ao conscientizar os historiadores de que ao mesmo tempo em que o passado pode ser reconstruído e reinventado - com base em métodos de pesquisa, o autor ressaltou a posição no tempo em que o historiador se encontra e que a distância em relação às fontes é um dever para não cometer anacronismo de transportar seus valores para o objeto de estudo. O autor da terceira geração dos *Annales*, diferente de Bloch, vê a história como ciência do passado, mas considera o trabalho do historiador como de reinterpretação dos objetos de estudo. Pode ser observado que nas duas abordagens, um fato é comum: o passado é datado, estranho e possui uma distância intransponível ao historiador. Este passado não pode ser trazido de volta como já existiu um dia, porém pode ser reinterpretado por pensarmos que ele é uma construção.

Passado não é história e também não é memória. O passado é o tempo que passou [...] que somente toma sentido quando o tomamos através de fragmentos, de vestígios, de documentos e o atualizamos, desde nosso presente. [...] A verdade não está, então, no passado, mas no discurso. A História não é o passado, mas o discurso que o presente nos permite construir sobre o tempo que passou (PEREIRA, 2014, p. 83).

Enquanto a história possui seus métodos de pesquisa e tenta reconstruir dentro de seus limites com o foco nos fatos, aquilo que já não existe mais, a memória só retém do passado aquilo que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém (PETERSEN, 2013, p. 313). Cabe ressaltar aqui que entendemos a memória como objeto da história, material do conhecimento, fonte para a pesquisa histórica, que privilegia delimitar as rupturas e acidentes do passado, enquanto a memória trazida ao presente pelos grupos que a preservam, é caracterizada pelo sentido de continuidade, onde não se destaca as singularidades de cada período passado. Mary Del Priore reflete sobre o trabalho do historiador e diz que "sabemos que a memória resgata o passado para servir ao presente e ao futuro. Está aí uma boa razão para nos preocuparmos com ela" (PRIORE, 2006, p. 51). Foucault contribui para a presente discussão e buscamos na *Microfísica do Poder* um fragmento de um texto seu sobre o fazer do conhecimento histórico através da genealogia:

A genealogia demarca os acidentes, os ínfimos desvios, ou ao contrário, as inversões completas os erros, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós, é descobrir que na origem daquilo que nós

conhecemos ou do que nós somos não existe a verdade e o ser, mas exterioridade do acidente (FOUCAULT, 2012, p. 21).

Ao conceituar o conhecimento histórico, buscamos aliar este conhecimento à história ensinada em espaços escolares e pensar como esta pode servir aos estudantes, colocando-os também como sujeitos do processo. Mullet e Marques nos trazem perspectivas para a sala de aula que são úteis à construção do saber que buscamos. Os autores citam a narrativa como expressão da linguagem histórica que valoriza as experiências como "alguém que viajou e traz histórias para contar. “A história contada pelo narrador entrelaça sua própria experiência com aquelas de quem ele recebeu a narração. O narrador não conta uma história 'pura' em si” (PEREIRA, 2014, p. 96). Tal abordagem foi trazida por nós para a realização da atividade, de modo que nessa perspectiva valoriza-se as memórias individuais onde a história ensinada não traria de antemão uma matéria estática mas um campo de possibilidades do saber, onde diferentes concepções estariam interligadas e em releituras constantes. Tal atitude pedagógica possibilita pensar o conhecimento histórico a partir do reconhecimento de que também somos seres produtores de história.

O conhecimento histórico dentro da sala de aula estaria assim sendo exercido onde os alunos pensariam nos objetos de uma forma mais crítica. Cria-se, assim, uma visão que pode ser diferente da visão antiga para com o objeto, ao passo que se percebe a amplitude de visões que o conhecimento histórico possibilita em seus conteúdos.

Aprender História pode significar tanto saber sobre um passado estranho, que nos inspira à criatividade, quanto a um pensar nosso, presente, como experiência singular, que faz com que tenhamos que pensar criativamente sobre nosso modo de vida (PEREIRA, 2014, p. 100).

Seguindo neste modo de pensar, queremos destacar o papel importante que tem o conhecimento construído junto aos estudantes, ou seja, o de incluir a percepção da singularidade de cada momento histórico e de cada experiência individual que serve para a ligação entre os estudantes e a matéria História. Destarte, propomos uma atividade que tenha nos objetos, o disparador para se pensar as memórias individuais de cada aluno. Visto que, cada experiência pessoal pode ter algum potencial gerador contribuinte para o interesse da análise do motor da história e, assim como escreve Nora: “o dever da memória faz de cada uma o historiador de si mesmo” (NORA, 1993, p. 17). Nesta mesma linha de raciocínio, entende-se que a memória é um elemento pessoal conector na relação entre o objeto e o sujeito que constitui o conhecimento histórico: “a memória individual, assim como a memória coletiva, são na verdade a fonte e a base fundamental para o pleno exercício de nossa vida

consciente e de nossa inserção na vida social” (HORTA, 2000, p. 28). Assim não podemos desprezar a carga de vida contida nos sujeitos educandos, pois:

[...] a tarefa do educador é enriquecer e organizar os múltiplos elementos que, ao longo da vida, vamos acumulando em nossa memória, o “mobiliário da mente” [...], que é composta não só de palavras e ideias, mas também de imagens visuais, sensações, odores, gostos, sentimentos e vivências, adquiridos através dos mecanismos da percepção e das trocas comunicativas que estabelecemos em nosso meio ambiente social e cultural. Todos esses elementos se entrelaçam em nosso cérebro, mais particularmente no “locus” da nossa memória, como uma teia de conexões e relações, como um emaranhado de lianas numa floresta de dados, verbais, visuais, sensoriais, que uma vez ativados pelos processos ou funções mentais superiores (de que trata Vygotsky), vão sustentar a formação de conceitos, de ideias, de julgamentos, e a criação de novas formulações, no processo do pensamento consciente, da reflexão da análise crítica que nos permite tomar decisões e chegar à conclusão em nossa vida cotidiana (Idem).

Ramos escreve: “Na medida em que são vestígios do passado recente ou mais longínquo, os objetos também se constituem em um ‘cruzamento de itinerários possíveis’” (RAMOS, 2004, p. 62). Os objetos carregam historicidade e não falam por si. Seus diferentes usos ao longo da história podem nos mostrar que são fontes que devem ser criticadas. Torna-se tempo de não mais nos pensarmos como sujeitos autocentrados, onde se pensa condicionadamente os objetos apenas como dominados para uso humano. Desejamos assim como Ramos “uma nova ‘abertura ecológica’, capaz de enxergar a vida que há nos objetos” (Idem, p. 61). Pensando assim, os objetos existem enquanto relacionados com a humanidade e vão ser o ponto de partida e encontro da ação educativa em voga.

Temos o hábito de querer entender a história contida nos documentos e nos esquecemos de nos ater ao fato de que os objetos também têm história para contar. Pois, afinal de contas, vivemos cercados de objetos, seja através do uso, seja pela produção dos mesmos. O homem nunca foi o animal mais forte, mais veloz ou mais adaptado. Porém o desenvolvimento da sua capacidade de pensar e fabricar objetos levou-o a sobrepujar as dificuldades do ambiente produzindo meios e formas para superá-lo, driblá-lo e, até mesmo, destruí-lo ou alterá-lo. Desta forma percebe-se que a humanidade está sempre produzindo objetos para “facilitar a vida” e acelerar os processos produtivos. A questão é que a tecnologia está sempre em transformação, assim como os costumes humanos que se modificam, tornando-se normal a substituição dos objetos que nos cercam de tempos em tempos. Isso faz vir à tona, na disciplina de história, a pertinente discussão sobre a atualidade da sociedade de consumo, a qual não podemos ignorar, deixar de historicizar, ou mesmo, contextualizar para compreender a nossa relação com os objetos através do tempo. Como aponta Ramos:

Enfrentar a sociedade de consumo é, ou deveria ser, o pressuposto básico de qualquer atividade relacionada ao uso de objetos em aulas de história, pois a consciência histórica não trata do passado isolado e sim das várias tramas entre pretérito e presente, sem esquecer do campo de expectativas ligado ao futuro. O estatuto atual do objeto é, portanto, ponto de partida. Só assim torna-se viável, por exemplo, as chamadas “visitas educativas” aos museus ou quaisquer outros “lugares de memória”. (RAMOS, 2008, p. 181).

Seguindo na mesma discussão em torno da sociedade guiada pelo consumo, a apropriação que os objetos ganham, gera um debate importante acerca da história dos objetos. Baudrillard diria que:

Estamos no tempo dos objetos. No passado, não muito distante, havia uma perenidade que hoje não se vê: os objetos viam o nascimento e a morte de gerações humanas. Atualmente são os homens que assistem ao início e ao fim dos objetos (BAUDRILLARD, 1995, p. 15).

Assim, demonstrar a historicidade que está contida nos objetos é um dos principais intentos desta ação. Entretanto, não somente do modo mais usual. Ou seja, o objeto e a sua trajetória fabril (que marca era? De que elemento foi feito? Fabricação?), mas a sua relação para com os sujeitos históricos como uma forma de “testemunha simbólica” de determinado feito, um conector para o acionamento da memória pessoal relacionada a um fato ou processo histórico. Trazendo à tona para os educandos a abrangência do fazer histórico, através da ação e do contato com os objetos.

Segundo Ramos, é de fundamental importância para a compreensão da história, desenvolver a capacidade de ler objetos:

No cotidiano, usamos uma infinidade de objetos: desde a televisão até uma roupa. Por outro lado, pouco pensamos sobre os objetos que nos cercam. Se pouco refletimos sobre nossos próprios objetos, a nossa percepção de objetos será também de reduzida abrangência. Sem o ato de pensar sobre o presente vivido, não há meios de construir conhecimento sobre o passado. E o próprio conhecimento do já pressupõe referências ao pretérito (RAMOS, 2004, p. 21).

Pensando sob esta orientação, que dá aos objetos um caráter de fonte histórica tanto como os documentos, é que pensamos a atividade a ser desenvolvida com os alunos de Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Irmão Pedro, localizada no bairro Floresta, em Porto Alegre. Mais do que nunca os objetos devem ser historicizados tanto em sala de aula, como no museu e pensar este debate com os jovens torna-se fundamental para uma nova abordagem deste aspecto da história, capaz de enriquecer as competências multidisciplinares dos educandos no desenvolvimento das atividades na sala de aula.

A metodologia da Ação

Esta atividade constitui-se em duas etapas de abordagens diferentes, a primeira onde são passados excertos de alguns filmes e, após a leitura visual destes, utiliza-se uma interpretação crítica histórica do pequeno trecho selecionado. Cabe ressaltar que os filmes selecionados não possuem, necessariamente, na íntegra de seus roteiros, um apelo histórico, porém, as partes escolhidas trazem em si um momento de reflexão sobre os objetos, a memória e o fazer histórico. Já a segunda parte da atividade está relacionada mais diretamente à realidade dos alunos, onde estes pensariam suas vidas e objetos que lhes são significativos, dentro da história.

Pensamos que estes trechos despertam a curiosidade para a reflexão da relação cotidiana dos alunos com os objetos, trazendo à tona a função de memória que os mesmos carregam. Também se pensou que a linguagem visual, muito difundida atualmente em vídeos curtos pela internet, está sendo cada vez mais utilizada pelos jovens, assim é interessante que o professor, em sua função educadora, proponha a utilização destas linguagens, enquanto ferramenta didática para estimular a realização de discussões construtivas sobre a leitura visual de trechos das imagens em ação, muitas vezes carregadas de inúmeras possibilidades de significados e interpretações.

No artigo “Imagens da História na Indústria Cinematográfica” (2002), os autores Nilo Castro, Stefan Bonow e Taís Lucas afirmam que “quando as principais referências para diversão e cultura são a TV e o cinema, as pessoas tornam-se mais suscetíveis às manipulações dos meios de comunicação, hoje quase onipresentes”. Nestas páginas, gostaríamos de deixar clara nossa posição que defende a sala de aula como um espaço de reflexão e debate e, portanto, de disputas entre posicionamentos perante fatos da sociedade.

O professor deve agir e interferir nessa relação do aluno com a imagem, estimulando o seu potencial de crítica. Essa é a obrigação que se tem de criar condições para ressaltar, esclarecer, instigar à luz das referências já existentes, os conhecimentos adquiridos que permitam a leitura da película. (CASTRO; BONOW; LUCAS, 2002, p. 170)

Deste modo, a questão da utilização dos excertos de filme na oficina se trata de um tipo de ferramenta que vai introduzir o tema Objetos, Memória e História de forma leve e interpretativa sendo uma proposta de reflexão que se faz a partir de fragmentos específicos das películas escolhidas que tenham determinadas cenas relacionadas com os conceitos abordados no título da oficina.

Dentro das potencialidades que os trechos dos filmes trabalham se busca extrapolar a função cotidiana do objeto para uma função também de memória relacionada ao contexto que os objetos são “testemunhas”. Ou seja, como apresenta Francisco Régis Lopes Ramos ao

comentar a função de reflexão que os estudos sobre cultura material trazem, pressupondo exatamente isto: a vida que há nos objetos, a historicidade constitutiva dos objetos, que permite novas aventuras para o ato de conhecer o nosso mundo e o mundo de outros tempos e outros espaços (RAMOS, 2004, p. 151-152).

Isto posto, passamos a próxima parte do texto que vai expor como são propostas as reflexões sobre os excertos dos filmes exibidos aos educandos. Cada trecho é projetado aliado a um ponto de reflexão que está exposto nos subtítulos que se seguem. Após cada exibição é aberta a roda de discussões para que se lavre o terreno de interpretação que os educandos perceberam ao observar o ponto escolhido do filme tendo como ponto de pauta a frase guia que media os diálogos possíveis do debate.

O objeto e a sua história: *O senhor das armas*

O excerto de "O Senhor das Armas" é sobre a introdução do filme, onde se vê a fabricação de uma bala, dentro de um depósito, junto a milhares de balas que também ali se encontram. Junto ao trecho que se refere à abertura do filme segue como trilha sonora do mesmo a música "For What It's Worth" da banda "The Buffalo Springfield". Assim, as balas não deixam de seguir seu rumo, partindo de um estágio de desenvolvimento para outro, onde pessoas trabalham em um ambiente de fábrica, a diante, os projéteis acabam sendo armazenadas dentro de uma caixa. Enquanto a música segue em seu refrão deixando um aviso: "I think it's time we stop / Children, what's that sound? / Everybody look what's goin' down. (Eu acho é hora de pararmos. / Crianças, que som é aquele? / Todos olham o que está acontecendo). A caixa com as balas é aberta, e surge na tela um ambiente de guerra. Após instantes, onde outros projéteis tomam diversos rumos, um tiro é disparado e a bala acaba na cabeça de um jovem negro, em um local fictício que a película possivelmente reproduz como sendo em alguma parte da África.

A partir deste ponto, busca-se contextualizar a cena com a importância dos objetos criados pelo homem e sua função primordial. A cena segue a história de uma bala, desde sua criação, seus diferentes contextos, até o momento em que ela cumpre a função para a qual foi criada, machucar à outros. Pensando em analisar junto com os educandos, a história deste objeto. Perguntamos: “e se a bala pudesse se comunicar? O que acham que ela diria?” Em um juízo de valor, perguntamos “o que este final causou aos mesmos que estavam vendo o filme?”.

Quando se aborda uma bala de arma de fogo como objeto que serve como fonte histórica, se aborda a capacidade de criação da produtividade humana, não apenas para o bem e para o útil, mas também para a destruição. Pois, no filme, o objeto (o projétil) é abordado como um meio para se apresentar um contexto, criando-se uma atmosfera de rotina onde “a bala” vai de lá para cá sendo produzida, selecionada, armazenada e transportada. Inclusive passa por perigos ao quase cair no mar, mas no final, o destino de uso deste objeto na sua peculiaridade se cumpre e a bala vai ser usada em um conflito. Ela é carregada junto a outras balas “irmãs” que são disparadas. Ela, a bala, poderia ter sido lançada ao ar, ser usada para treinar alvo, poderia terminar na carroceria de um carro ou mesmo no reboco de uma parede, mas de todos os destinos possíveis ela consegue atingir um ser humano de forma fatal, causando um choque nos desavisados que se deixavam levar por uma simples abertura dos créditos da película.

Nossa vida é um museu. Um objeto, uma ou várias memórias? *Uma vida iluminada*

Há dois trechos selecionados de "Uma vida Iluminada". No primeiro, mostra um menino pequeno, que vai crescendo aos poucos e guardando objetos que seleciona segundo o que lhe é interessante. Após, alguns momentos, o rapaz cresce e já é adolescente quando se vira para uma parede e a tela mostra um local todo decorado com objetos e nomes de pessoas. São objetos escolhidos pelo rapaz, de pessoas que passaram em sua história e deixaram alguma coisa que, para o rapaz, tem valor de memória e ele guarda segundo sua própria lógica.

Pode-se a partir deste excerto, trabalhar com a questão da organização de objetos, visto que todos os guardamos segundo uma lógica particular. Assim como também os museus possuem seu modo de guardar objetos com alas e seções próprias, cada um tem seu modo de organização e pode, eventualmente, em diferentes volumes e modos, guardar objetos ou vestígios que falem ou lembrem algum determinado momento específico da sua vida.

Quando vemos a história deste personagem notamos a importância que ele dá aos objetos a sua volta, enquanto fontes e possibilidades de lembrar e reconstruir a sua própria história e as suas relações de vida. Deste modo, quantas vezes nós não fazemos o mesmo, muitas vezes sem perceber e, claro, sem a meticulosidade do personagem em questão, mas algumas vezes revivemos mesmo que brevemente, fatos da nossa vida remexendo em objetos e documentos que, porventura, guardamos em uma gaveta, caixa ou porão de casa?

No segundo excerto, apresenta-se o fato de o rapaz visitar parentes antigos na Ucrânia e, então num jantar o rapaz impressiona-se com a comida local e os costumes próprios dos Ucrânicos. O rapaz vegetariano, então, recebe apenas uma batata na hora da ceia. Quando a batata do rapaz cai no chão, o costume local estabelece que a porção seja dividida entre todos. São culturas próprias que em um país distante não se compreende muito bem, caso não se esteja imerso na cultura do povo local. Ao final de toda a Odisseia necessária para a vinda de sua comida (a batata), ele a guarda exatamente por esta representar a vivência de um fato estranhamente diferente e memorável com seus novos amigos durante esta viagem.

O que um objeto pode valer? *O cheiro do Ralo*

O trecho selecionado, utiliza uma sequência de imagens em que há um penhor de antiguidades aonde as mais diversas pessoas com dificuldades financeiras vão para vender objetos antigos, nutrindo a esperança de que o dono do mesmo compre seus objetos. Para isso, os personagens utilizam de toda uma argumentação contando uma história carregada de memória, visando persuadir o lojista de que aquele objeto tem, de fato, algum tipo de valor. A memória é retomada aqui como em Walter Benjamin (1993) que buscou nas suas reminiscências do passado, uma seleção que privilegiasse sensações afetivas, suscitadas por indagações do presente. Voluntariamente o autor seleciona certas lembranças para contar sua cidade do passado, de modo que estas lembranças são vistas pelo olhar do presente. Ao se situar no tempo em que estas lembranças são fatos do passado, o autor possibilita que tais recordações possam receber novos sentidos, através de um novo contexto e, ao rememorar sua cidade invadida pelos nazistas, o processo de recordar acaba por selecionar o que é conveniente ser lembrado no tempo presente.

Este pequeno trecho do filme suscita algumas questões pertinentes para a reflexão, quais estas: o que um objeto pode valer ou significar diante de algum fato histórico? E, principalmente, como se pode atribuir valor histórico a algo? Introduzindo a discussão sobre: como se cria um monumento ou um patrimônio histórico?

E se só restasse objetos? *Wall-E*

Seriam duas cenas do início do filme onde o personagem Wall-E está no planeta Terra devastado e cheio de lixo para compactar e, em meio a este contexto, ele interage de forma inusitada e engraçada com vários tipos de objetos que foram deixados para trás tentando

assim entender como eles funcionavam ou como eram utilizados e, deste modo se sentir menos solitário. Ao final destas cenas ele entra na sua “casa” e lá nos deparamos com inúmeros objetos colocados em uma ordem de classificação tal qual uma “reserva técnica” de museu.

Percebe-se que este lugar (a casa de Wall-E) é quase um gabinete de resgate da história humana na Terra através de objetos diversos. O interessante deste excerto é que ele facilita introduzir, junto aos educandos, sobre o que se pode deduzir de alguém ou algum lugar, somente pela investigação dos objetos. Colocar os educandos para imaginar a Terra sem a existência humana, sobrando apenas os objetos para "contar a história" é algo bem interessante para a reflexão, pois como a nossa história, sem a nossa presença para explicar, seria interpretada?

O que nós produzimos e a nossa biografia: *V de Vingança*

A cena reproduzida neste momento é o da leitura da carta, encontrada pela personagem Eve (Natalie Portman) e que foi escrita pela presa política que esteve aprisionada naquela cela. No documento (epístola) que é lido, ela entra em contato com a biografia daquela pessoa e acaba por conhecer e compartilhar das suas experiências de vida, os seus sentimentos de medo, coragem, amor, em meio a um contexto de governo repressivo e fascista. O interessante aí é demonstrar aos educandos se: o que é produzido por, para e sobre eles, realmente pode falar sobre a história deles? O RG deles é o que define o que eles são ou o que podem ou poderiam ser? Diante disto, a questão seria comentar sobre o momento em que nós, historiadores, entramos em contato com os documentos para investigar e assim poder entender o passado de alguém ou algum lugar. Mas neste processo, é irresistível não imaginar o que a pessoa (objeto da pesquisa) sentiu, o que falou, como se comportava ou vivia. Ou seja, um documento originário de uma administração burocrática impessoal pode realmente falar o que aquela pessoa ou movimento foi?

Este filme, a princípio, não estava nos planos quando se pensava a ação, mas ao revê-lo em função das manifestações de junho de 2013, nos deparamos com esta parte da película em específico. Assim é importante comentar aos educandos que quando se estuda história, aprendemos quais podem ser as fontes, ou mesmo os indícios que permitem o estudo e a pesquisa, para que, deste modo, possamos compreender o passado o qual investigamos. Os documentos, os objetos, os prédios, os espaços, os costumes, as fotografias e todos estes em fins. Entretanto, é irresistível não pensar nas pessoas envolvidas nos documentos que você

entra em contato e refletir: este documento realmente fala quem ela é, ou foi? O que passou? O que a fez sofrer? O que a fez feliz? O que a fez lutar? O que a calou? O que ela viveu?

Diante disto, refletir com os educandos: pensem vocês, o que querem deixar para que se lembrem de vocês no futuro? Será que só um documento poderia falar o que vocês foram? Pontos como estes podem render uma discussão fértil sobre o que eles pensam sobre o que vai ser deixado pelo protagonismo deles, assim como, o que eles estão vendo sobre aqueles que já viveram.

O tempo passa! E o que fica? *UP-Altas Aventuras*

Este excerto é mais para encerramento da atividade e demonstra a possibilidade que temos de poder recriar o passado. Principalmente, ressaltar sobre a importância do esquecimento e a possibilidade que temos de reconstruir e restaurar algo que não lembrávamos mais e assim poder revisitar ou sentir sensações.

Há dois momentos da película que são destacados para a ação. O primeiro é a resumida história de Carl e Ellie, desde o casamento, passando pelos momentos de felicidade, de tristeza e de superação, até o falecimento de Ellie, e a solidão que Carl passou a viver após este fato. O segundo, o momento em que Carl revisita o álbum de fotografias de sua vida com Ellie e percebe, pela primeira vez, que ela o havia preenchido com fotos e objetos de todos os momentos de sua vida juntos, demonstrando agradecida o quando a sua “aventura” de vida fora plena e feliz com Carl e, assim pedindo para que Carl seguisse a sua jornada vivendo novas “aventuras”.

Nisto o trecho trabalha de maneira simples e tocante a importância do esquecimento e a possibilidade que isto oferece para podermos reconstruir a história. A casa voadora do filme e os objetos da mesma representam o grande amor vivido pelo Sr. Carl Friederich junto a Ellie, ao ponto de que, a convivência nesta casa provocava junto ao Sr. Carl o resgate imediato de várias memórias, fazendo com que o mesmo se sentisse mais triste e solitário. Assim, o filme nos mostra que a preservação dos objetos é importante, mas que não devemos ser reféns da memória, para que junto a isto possamos evoluir, transcender, progredir e seguir o processo, pois a final de contas, o que ocorreu antes também faz parte do que nós somos, mas principalmente do que ainda nos tornaremos.

À memória, neste caso, é dado o seu devido lugar como elemento pessoal, individual e motivador junto aos educandos. Na aplicação dessa atividade educativa é importante, pois é algo que faz parte do nosso sempre autoconstruir. Não podemos ser reféns dela, mas ela faz

parte do que nós somos. Saber disto é parte do transcender, é parte do avanço no processo de nós. Como ressalta Ramos:

O mais importante é dialogar com o que já foi feito, para quem e contra quem foi feito. Tratar a cultura em sua constituição conflituosa, dialogar com o passado, não para sentir saudade ou tentar salvá-lo do esquecimento, mas para interpretá-lo como fonte de conhecimento a respeito das nossas idas e vindas nos mapas da temporalidade. Se vamos apagando as marcas do pretérito, perdemos o potencial educativo de experimentar as diferenças temporais, de sentir a estética do tempo como forma de entender o que éramos, o que somos e o que poderemos ser (RAMOS, 2008, p. 188).

Considerações finais: discussão e análise sobre as reflexões pretendidas na ação

A ação usa o conceito prático de memória para puxar como o educando também é produtor e protagonista dos processos da história. Então, ao se fazer a aproximação entre história e o sujeito educando, a questão sobre como a memória se faz útil é importante quando se realiza esta oficina. Pois a memória é pessoal e acaba trazendo o educando pelo emotivo, ou seja, é a relação pessoal deste sujeito com algum elemento do vestígio humano que ajuda a despertar nele a sua noção de inclusão como sujeito protagonista num todo histórico.

Consequentemente, a finalidade desta ação é inserir problematizações que gerem reflexões sobre a nossa condição de criaturas e criadores no tempo.

Conhecer o passado de modo crítico significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e que pode ser diferente. Mostrando relações historicamente fundamentadas entre objetos atuais e de outros tempos, o museu e a sala de aula ganham substâncias educativas, pois há relações entre o que passou o que está passando e o que pode passar (RAMOS, 2008, p. 190-191).

Assim, esta ação põe em evidência nos espaços educativos formais e não formais (escola, espaços de memória, museus etc.) a questão na qual à medida que vivemos não consideramos o que fazemos ser significativo, a ponto de acreditar que não historicizamos as coisas ao nosso redor, mas historicizamos sim! Hoje realizamos isso o tempo inteiro com o nosso cotidiano, seja por meio das “coisas velhas” que guardamos no fundo dos nossos guarda-roupas, seja com postagens de fatos e fotos nas redes sociais. Isto acaba sendo uma forma, digamos, descompromissada de criar uma narrativa sobre nós mesmos.

A historicização da vida nem sempre precisa ser reduzida a conceitos de como devemos interpretar os fatos ditos históricos. O ponto é considerar com respeito o conhecimento trazido pela carga de vida do sujeito educando, valorizando e compreendendo

outras formas pessoais de apropriação da história. Do mesmo modo, problematizar junto aos mesmos como Nora ao definir memória e história:

Memória e história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma a outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1993, p. 9).

A questão também é produzir uma ação que vá além do curioso, que seja uma experiência inclusiva de reflexão, situando o educando também enquanto sujeito participante do processo histórico. A identificação pela diferença nos parece ser o horizonte do ensino de História, ao dialogar com os estudantes sobre a valorização dos contextos históricos analisados. Para não cometer o erro do anacronismo histórico de transportar para o passado as características do tempo atual. A pessoa que estuda história deve estar ciente da singularidade do presente, assim pode notar que nada é permanente para o estudo da história, porém deve-se estar atento ao fato que as recordações e os objetos não possuem tal lógica. Portanto, buscamos com essa atividade expor aos estudantes que a história se encontra ao seu redor e dentro de cada um e manejar estas identidades e apropriações são maneiras de estar consciente de sua individualidade ou do campo de forças em perpétua disputa que caracteriza os homens.

Ora, a proposta aqui defendida para as políticas patrimoniais e, especialmente, para as políticas museológicas, não se ancora na preservação de uma suposta “identidade cultural” ou do “resgate do nosso passado”, e sim no direito a diversidade histórica, o direito à multiplicidade das memórias como pressuposto básico para a construção de um potencial crítico diante da nossa própria historicidade. Assim, a preservação tem o intuito de dar a todos nós o direito de saborear a diferença, de perscrutar as marcas de outros tempos, criando em nós a consciência de que somos seres historicamente constituídos. Se vamos apagando a materialidade do pretérito, que está, por exemplo, na própria configuração urbana vamos esvaziando o jogo do tempo, aniquilando o processo educativo de entrar em contato com o tanto de experiência vivida que pode ser encontrada no mundo dos objetos (RAMOS, 2008, P.188).

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Ed. 70, 1995.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II**. Rua de mão única. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CARDOSO, Ciro. Entrevista à Revista de História da Biblioteca Nacional. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 7, n. 84, p. 52-57, 2012.

CASTRO, Nilo André Piana de; BONOW, Stefan Chamorro; LUCAS, Taís Campelo. Imagens da história na indústria cinematográfica. IN: PADRÓS, Henrique Serra (org.). **Ensino de história: formação de professores e cotidiano escolar**. Porto Alegre: EST, 2002, p. 163-180.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 25ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2012.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Fundamentos da educação patrimonial. **Ciências & Letras: revista da faculdade de Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras (FAPA)**. n. 27, jan/jun. 2000, Porto Alegre: FAPA, p. 25-35.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

NORA, Pierre. Entre Memória e História A problemática de lugares. **Projeto História** - revista do programa de estudos pós-graduandos em História e do Departamento de História PUC/SP. n. 10, dez/93, São Paulo: PUC/SP, p. 7-28.

PEREIRA, Nilton M. ; MARQUES, Diego Souza. Narrativa do estranhamento: Ensino De História entre a Identidade e diferença. **Plures**, Humanidades, Ribeirão Preto, v. 14, p. 83 - 102, 2014.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Introdução ao estudo da História: temas e textos** - Porto Alegre: Edição das autoras, UFRGS, 2013.

PRIORE, Mary, em entrevista a Leonardo Pimentel. **Nossa História**, Rio de Janeiro, n. 3, v. 35, 2006.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: ARGOS, 2004.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. A insustentável leveza do tempo: os objetos da sociedade de consumo em aulas de história. **Educação em revista**. Revista da faculdade de educação da UFMG. n. 47, jun. 2008, Belo Horizonte, p. 179-196.

Referência Cinematográfica

CHEIRO do ralo, O. Direção: Heitor Dhalia. Estúdio: Branca Filmes; Geração Conteúdo; Tristero Filmes, 2006

SENHOR das armas, O. Direção: Andrew Niccol. Estúdio: Entertainment Manufacturing Company, 2005.

UP – ALTAS aventuras. Direção: Pete Docter. Estúdio: Pixar, 2008.

V de vingança. Direção: James McTeigue. Estúdio: Warner Bros., 2005.

UMA vida iluminada. Direção: Liev Schreiber, Estúdio: Warner Bros., 2005.

WALL-E. Direção: Andrew Stanton. Estúdio: Pixar, 2008.